

VERSION PRELIMINAR

SECCIÓN: Educación y espacio



Ane ku mene

A geografia escolar e o estudo espaço de vivência como lugar: uma experiência escolar no sul do Brasil

La geografía escolar y el estudio del espacio vital como lugar: una experiencia escolar en el sur de Brasil

School Geography and Study Living Space as a Place: A School Experience in South of Brazil

Carla Riethmüller Haas*

Helena Copetti Callai**

Resumo

Este artigo discute a sobre a importância do estudo do lugar na Geografia escolar da educação básica, apresentando o relato de uma experiência realizada em escola pública do noroeste do estado do Rio Grande do Sul/Brasil e analisada tendo como referencial teórico autores que trabalham a geografia escolar e o conceito de lugar. O artigo constitui-se em um trabalho qualitativo exploratório e está estruturado considerando os referenciais bibliográficos da ciência geográfica e da geografia escolar, apresentando a experiência e sua análise tendo as bases teóricas como parâmetro e relacionando com o documento da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que define e normatiza a condução do trabalho escolar no Brasil.

Palavras-chave: espaço de vivência; lugar; cotidiano; educação básica; geografia escolar

* Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

** Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.



Resumen

En este artículo se analiza la importancia de estudiar el concepto de lugar en la educación básica, presentando el relato de una experiencia realizada en escuela pública del noroeste del estado de Río Grande del Sur, Brasil y teniendo como referente teórico a autores que trabajan la geografía escolar y el concepto de lugar. El artículo se constituye en un trabajo cualitativo exploratorio, y está estructurado considerando los referentes bibliográficos de la ciencia geográfica y de la geografía escolar, presentando la experiencia y su análisis teniendo las bases teóricas como parámetro, y relacionando con el documento de la Base Nacional Común Curricular-BNCC, que define y crea normas para el manejo del trabajo escolar en Brasil.

Palabras clave: espacio de vida; lugar; cotidiano; educación básica; geografía escolar

Abstract

This article the discussion about the importance of the study of the place in scholar Geography for basic education through the presentation of the reported experience performed in a public school located in the northeast of state of Rio Grande do Sul in Brazil, which is analyzed upon the theoretical referential of the study of scholar Geography and the concept of place. The study is a qualitative and exploratory research structured with consideration to bibliographic references of both scientific and scholar Geography in order to set parameters relating the National Common Curricular Base – BNCC, which defines and normatizes the scholar work in Brazil.

Keywords: space of living; place; daily life; basic education; scholar geography



Introdução

Cada lugar possui suas características e singularidades e é dotado de uma história que é a própria história dos que habitam esse espaço de vivência e de com-vivência. É no Lugar que se dão as relações primeiras e mais intrínsecas dos sujeitos, podendo constituir-se como um patrimônio para a população a partir dos vínculos estabelecidos. A identidade e as relações de pertencimento indicam o apego de cada sujeito ao lugar e estabelecem as feições que caracterizam o espaço vivido. É nessa perspectiva que apresentamos estas reflexões acerca do ensino de geografia a partir do espaço de vivência dos alunos, o qual pode adquirir o sentido de Lugar identitário ou não para estes em função das relações e vínculos de identidade e pertencimento que se estabelecem.

Refletir sobre o Lugar como conceito geográfico e como conteúdo da geografia escolar pode ser a possibilidade do professor encontrar os caminhos para envolver os alunos nos processos de aprendizagem. Ao aliar a prática da vida comum no lugar com os conhecimentos que a humanidade produziu e que cabe à escola transmitir fazendo as elaborações teóricas que permitem a construção dos conceitos, pode propor situações que tornem as aprendizagens significativas aos estudantes. Destaca-se então a importância de estudar o lugar como uma possibilidade de se conhecer e de se reconhecer como cidadão do mundo fazendo a leitura e a escrita do Lugar, estabelecendo-se os vínculos entre singular e o universal. Nesse sentido, é imprescindível embasar teoricamente questões que se referem ao estudo do Lugar relacionando ao documento que orienta os currículos escolares no Brasil, que é a Base Nacional Comum Curricular.

Metodologia

A metodologia baseia-se em um estudo exploratório que tem como objetivo estabelecer uma maior familiaridade com o problema e assim proporcionar que se torne mais explícito ou se possibilite a elaboração de hipóteses (Gil, 2002). Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico acessando material já elaborado que trata do tema para estabelecer o modo como é considerado o conceito de lugar, que passa a ser adotado na realização da experiência e posterior análise e

interpretação dos dados e informações produzidos. A partir das elaborações a partir da bibliografia, apresentamos um relato de experiência a partir do desenvolvimento de uma sequência didática, realizada com uma turma de sexto ano, na Escola Municipal Fundamental João Goulart. Esta é uma escola pública situada na porção oeste da cidade de Ijuí, região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-Brasil, e que atende da Educação Infantil ao nono ano do Ensino Fundamental, um público residente naquele bairro e adjacentes. Destacamos que este estudo, desenvolvido enquanto estudante de mestrado em Educação nas Ciências², proporcionou e vem proporcionando uma reflexão importante no tocante à práxis educativa, uma sistematização que descreve a prática iluminada pela teoria.

O conceito de lugar adotado

Ensinar Geografia a partir da realidade dos estudantes, do estudo do lugar, do seu espaço de vivência, provoca a pensar sobre a importância de conhecer este espaço e sua história. Neste sentido é fundamental relacionar a vida cotidiana com os acontecimentos a nível global e assim, construir um entendimento acerca da importância que encaminham ao exercício da cidadania para o bem comum, Para Santos (2006) “cada lugar é à sua maneira, o mundo” e em comunhão com o mundo acaba se tornando singular em relação aos demais lugares.

Essa perspectiva nos leva a definir a concepção de lugar adotada, para reconhecer o espaço habitado, suas metamorfoses e reconhecer-se neste espaço, que é local e ao mesmo tempo global. Da mesma forma que desenvolver o senso de pertencimento a partir da identidade e da construção do vínculo com o seu espaço de vivência. O lugar em sua aparência mostra a realidade vivida, mas para compreendê-lo em sua complexidade é importante avançar do que é visível e considerar que o que ali acontece decorre das condições efetivas para realização da vida. Nesse intuito coloca-se a necessidade de fazer as abstrações advindas das condições que o lugar apresenta, sejam elas de ordem natural, da sua localização e dos fatos econômicos, sociais e culturais que alimentam ao

² Mestrado em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.



condicionar e ao propor possibilidades para a vida dos sujeitos que ali vivem.

Destacamos a importância do conceito de lugar para este estudo, este conceito pode ser interpretado por diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Nesse sentido, o caminho para a interpretação do lugar adotada é a proposta por Tuan (2013), que considera que o espaço é abstrato, mas torna-se um Lugar à medida que é dotado de valor, à medida que adquire definição e significado e por Santos (2013), se refere ao lugar como “o ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, e às vezes contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso de tecnologias do capital e do trabalho”. A compreensão sobre como essas lógicas se manifestam em diferentes níveis é fundamental, principalmente para entender como elas interferem no lugar. Desta forma, podemos entender que o conceito de Lugar, mesmo sendo um recorte do espaço, não se limita a essa visão unicamente espacial e sim sócio-espacial, relacionando cultura, identidade, pertencimento e valor histórico-social e, percebendo as inter-relações entre o local e o global.

Neste contexto incorporamos outro conceito que é a paisagem, que é a representação do espaço em determinado momento e como tal, é objeto de mudança. Uma espécie de marca da história, reveladora de estruturas sociais e de um processo de produção do espaço, num determinado momento histórico. O espaço é a paisagem mais a vida nela existente, a espacialidade é um momento das relações, a espacialização é o presente fugindo e a paisagem é um passado recente (Santos, 1988). Sendo assim, é preciso considerar o conjunto de objetos, de relações e de atores sociais que fazem parte dessa dinâmica.

Em Santos (2006), temos o entendimento de que a paisagem é “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”, existindo através de suas formas. Uma espécie de marca da história e por meio dos objetos materiais revela as estruturas sociais e os processos de produção do espaço, em determinado momento histórico. Sendo assim, é preciso considerar o conjunto de objetos, de relações e de atores sociais que fazem parte dessa dinâmica.

Nesse sentido, cada lugar pode se constituir como um patrimônio para a população que ali habita pois é dotado de

história e de sentidos, é ali que a vida se faz. Consideramos nesta pesquisa o termo Patrimônio relacionado ao pertencimento e à identidade de um povo. Tudo que há de valioso para um grupo de pessoas não se limitando ao conjunto de bens materiais, conforme a Cartilha do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2012) sobre Patrimônio Cultural Imaterial.

Quando afirmamos sobre a importância do estudo lugar e a necessidade de compreender os acontecimentos a nível global e o seu lugar no mundo, acreditamos, assim como Freire (2014), que o ser humano age no exercício da cidadania à medida que ele toma consciência da sua condição de pessoa, de sujeito e da sua problemática. É um passo para pensar ações e por meio da organização social trabalhar coletivamente no sentido de resolvê-la. O exercício cidadão pode ser impulsionado pela organização social, desta forma, entendemos e corroboramos com o pensamento de Santos (2006) sobre a “força do lugar”.

“O mundo ganha sentido por ser esse objeto comum, alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação (Santos, 2006)”. Conforme o autor, a proximidade pode criar vínculos, laços culturais, de solidariedade e de identidade. Isso acaba por permitir uma proximidade maior e com isso maior possibilidade de comunicação, daí a importância da cultura popular, a qual “tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, através da mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e o seu meio, mas seu alcance é o mundo (Santos, 2006)”.

O que acontece no mundo globalizado, resulta em consequências diretas ou indiretas no lugar. Porém, é nesse âmbito que se pode pensar e resolver os problemas. “O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (Santos, 2006)”. Para Santos, as classes média e alta tem mais acesso e mobilidade enquanto os pobres, ou “os lentos”, que estão de fora do apressado mundo moderno, de certo modo, é quem realmente vive e percebe os espaços e é assim “que eles escapam ao totalitarismo da racionalidade, aventura



vedada aos ricos e às classes médias. Desse modo, acusados por uma literatura sociológica repetitiva, de orientação ao presente e de incapacidade de prospectiva, são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro (Santos, 2006)”. Esse olhar para o futuro, ainda na visão do autor, é o que lhes move no sentido de buscar o que não está ao seu alcance, de satisfazer a carência de ter o que as classes mais abastadas podem ter, do consumo não apenas de roupas ou alimento, não somente material, mas também imaterial, de consumir um status político, econômico, social, enfim, de suprir uma carência de participação e cidadania. Nesse sentido, a educação escolar e aqui nos referindo especificamente à Geografia escolar pode constituir-se num pilar para promover a força do lugar.

Nos últimos anos Geografia escolar³ tem sido discutida e se orientado principalmente a fim de promover um ensino mais significativo para a vida dos alunos, buscando articular os conteúdos com a vida social cotidiana e a escola. E neste sentido, na aula de geografia, além de oportunizar o acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade importa dar ao aluno as condições efetivas de ter elementos para olhar o lugar e compreender o que ali acontece fazendo as abstrações e teorizando a partir dos conceitos.

Constata-se que essa tendência didático-pedagógica está expressa na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que é o documento que normatiza a formulação dos currículos das escolas brasileiras, atualmente. A BNCC estrutura-se a partir de Dez Competências Gerais da Educação Básica, o Ensino Fundamental e a área das Ciências Humanas, que abrange as disciplinas de História e Geografia. Nesta área das Ciências Humanas, são atribuídas as Competências Específicas para os Anos Finais do Ensino Fundamental e na Disciplina de Geografia, são atribuídas as Competências Específicas. A disciplina de Geografia, assim como as demais disciplinas, apresenta as Unidades Temáticas, os Objetos de Conhecimento e as Habilidades a serem desenvolvidas em cada ano/série.

A etapa II do Ensino Fundamental, ou seja, Anos Finais, apresenta um aprofundamento dos estudos desenvolvidos na etapa I (Anos Iniciais), propondo desafios de maior complexidade nas diferentes áreas do conhecimento, uma

preparação para a próxima etapa na qual serão aprofundados ainda mais - o Ensino Médio. “Nessa fase, as noções de temporalidade, espacialidade e diversidade são abordadas em uma perspectiva mais complexa, que deve levar em conta a perspectiva dos direitos humanos (BNCC, 2018)”.

Os Anos Finais do Ensino Fundamental têm o compromisso de aprofundar questões sobre as pessoas, grupos humanos, culturas, modos de organização das sociedades, relações de produção e poder e, as transformações de si e do mundo. A responsabilização do cidadão com o mundo em que vive passa pelo desenvolvimento de habilidades como identificar, classificar, organizar e comparar em diferentes contextos e dimensões escalares, para melhor compreender a si e ao outro (BNCC, 2018).

Conforme a BNCC (2018), a grande contribuição da Geografia é “desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza (BNCC 2018)”. Esse mundo que está em transformação é o mundo do qual todos nós fazemos parte e somos responsáveis de alguma forma por essa dinâmica.

Com relação a essa formulação apresentada na BNCC consideramos que os alunos precisam ser provocados a desenvolver o raciocínio geográfico, que é uma maneira de exercitar o pensamento espacial integrando, inclusive, os conhecimentos de outras áreas. Assim, as unidades temáticas do campo da Geografia na BNCC destacam “aspectos relacionados ao exercício da cidadania e à aplicação de conhecimentos da Geografia diante de situações e problemas da vida cotidiana (BNCC, 2018)”. Nesse sentido, o trabalho a ser desenvolvido pelos professores precisa ter seu olhar voltado para essas questões, o conhecimento adquirido pelos alunos precisa ter um efeito na sociedade onde ele vive, provocando-o a pensar e agir sobre os problemas do lugar, um agir na cidadania. Assim, a distância entre o conhecimento científico que foi produzido pela humanidade, que o professor precisa ensinar e o senso comum, do cotidiano do aluno, fica mais próxima, possibilitando assim um alargamento do conhecimento do aluno.

³ No Brasil, a Educação Básica está estruturada em etapas: Educação Infantil (0 a 5 anos), Ensino Fundamental I (Anos Iniciais, 6 a 10 anos), Ensino Fundamental II (Anos Finais, 11 a 14 anos) e Ensino Médio (15 a 17 anos).



Planejamento de uma sequência didática a partir do espaço de vivência dos alunos

Planejar é fundamental para que uma aula esteja bem-organizada e este planejamento não pode ser engessado, limitado, ele precisa prever até a mudança de percurso. Isso é o que nos mostra o exercício de ser professor de Geografia na escola básica. O caminho do ensinar é repleto de dúvidas, incertezas e novas possibilidades, seja pelo rumo que toma, seja por fatores externos, de organização da escola e é preciso considerá-los quando na execução do que foi inicialmente planejado.

Primeiramente, sabe-se que existe um referencial que é a base curricular do trabalho docente e que, como já afirmado anteriormente, constituída de - de unidades temáticas, objetos de conhecimento, que são os conteúdos, e habilidades que se pretende desenvolver a partir desses conteúdos. Porém, é vital que se considere a realidade do aluno, então, independente do ano/série que se está trabalhando, pode-se partir desse reduto para aprender e apreender o mundo da vida.

Com essa perspectiva de fazer um ensino ligado ao mundo da vida, temos a clareza de que tudo está interligado com a nossa vivência no lugar em que estamos. Até mesmo os mais longínquos acontecimentos, de alguma forma nos atingem e é partindo desta premissa, que estudar a partir do espaço de vivência é uma possibilidade real e de riqueza infinda. Essa relação possível, precisa ser muito bem conduzida pelo professor para que o aluno perceba a complexidade dessas interconexões. Sendo assim, tamanha é a complexidade do mundo da vida que denota a necessidade de recortes para que se possa em seguida reunir e religar, na ideia de que “o mundo está organizado em subespaços e que estes encontram-se articulados entre dentro de uma lógica que é global (Santos, 1988)”.

Conforme Callai (2018), as aprendizagens dos alunos precisam se tornar significativas para suas vidas. Fazer a educação geográfica exige de o professor ir além de simplesmente transmitir os conteúdos. Nesse sentido, é necessário considerar quatro elementos que sustentam o sentido de estudar geografia, que são: Para quem ensinamos – quem são os sujeitos no processo; O que ensinar – qual conteúdo parte do currículo; para quê ou porque ensinamos – é o que permite dar sentido à aprendizagem do aluno e; como ensinar – quais

os caminhos metodológicos e as estratégias para desenvolver os conteúdos.

É importante, também, referir que com a implementação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os estados e os municípios organizaram seus referenciais e assim iniciou-se um processo de reorganização curricular, tendo o ano de 2019 como início da transição. O que anteriormente estava pautado apenas nos conceitos e nos conteúdos, agora se amplia sob as competências gerais e específicas, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento (conteúdos) e as habilidades a serem desenvolvidas, definidos para cada ano.

Para este estudo, apresentamos como relato de experiência, sobre o desenvolvimento de um conjunto de atividades do plano de aula para uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental o qual constitui uma sequência didática a partir da proposta do Referencial Curricular Municipal, que foi elaborado considerando a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Gaúcho, do Estado do Rio Grande do Sul. Esta proposta visa o desenvolvimento das habilidades para: comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos (EF06GE01); Compreender os conceitos geográficos (EF06GE02IJ1); Identificar diferentes espaços (EF06GE02IJ2); os quais constam na Unidade Temática sobre “O sujeito e seu lugar no mundo”, cujos objetos de conhecimento são: Identidade sociocultural - Conceitos de lugar, espaço geográfico, paisagem e; Localização nos diferentes espaços: cidades, estado, país, continente e planeta.

Em decorrência da organização desta escola, a disciplina de Geografia é ministrada em por três períodos (hora-aula) de 50 minutos e, se distribui em um dia da semana e dois em outro, o planejamento é assim elaborado, para que as atividades se apresentem o menos fragmentadas possível e desta forma desenvolva o raciocínio dos alunos para melhor compreensão do conteúdo, estabelecendo relações e desenvolvendo as habilidades.

Para o desenvolvimento das atividades, os recursos e metodologias utilizados são diversificados considerando que a aprendizagem dos alunos ocorre também dessa forma. Sendo assim, sala de aula, espaços externos da escola e do bairro, literatura, fotografia, audiovisuais, computadores, sistematizações oral e escrita. Desta forma, os sentidos como tato, visão, audição, olfato foram explorados nas diferentes atividades propostas.



O desenvolvimento da sequência didática planejada

O planejamento elaborado pelo professor não pode ser limitado ou intocável a ponto de não prever possíveis mudanças ao longo do seu desenvolvimento. Desta forma, nem sempre o que se planeja acontece, pois, frequentemente os alunos tendem a fazer perguntas que “não estão no roteiro”, ocorre que o que estava planejado para ser trabalhado em uma aula muitas vezes levam duas, ou pode acontecer o contrário. Também, acontece de o professor planejar uma sequência de situações de estudos e por razões externas não ser possível realizá-las ou mesmo perceber que para determinada turma será mais interessante para sua aprendizagem que se desenvolva outra atividade. O planejamento em si não pode ser algo fechado, é um plano.

Nesta prática, realizada no ano de 2019, na todas as atividades foram propostas aos alunos e planejadas de modo que estes compreendessem a necessidade e a importância delas para sua aprendizagem, bem como os objetivos a serem atingidos pois a clareza da intencionalidade pedagógica é fundamental tanto para o professor quanto para os alunos. Cabe ao professor orientar os alunos para que eles desempenhem as atividades da melhor forma possível e que se sintam instigados, interessados, digo isto porque sabe-se que essa faixa etária que compreende os Anos Finais do Ensino Fundamental requer uma atenção quanto a essas questões, pois existe uma certa negação de aprendizagem por parte dos alunos em relação aos estudos, mesmo tendo consciência da sua importância. Promover o encantamento e o interesse pelos estudos é um desafio diário aos professores.

Geralmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os professores estão empenhados em ensinar o conteúdo, com práticas menos lúdicas e interessantes para os alunos, acreditando que estes já tenham (ou devam ter) autonomia o suficiente para serem responsáveis e assumir um lugar de responsabilidade e seriedade com os estudos. Mas isso não significa que tenhamos que esquecer o quão agradável é trabalhar ouvindo música, contemplar uma paisagem, recitar um poema, brincar. Daí, a leitura de uma obra, proposta na aula 1, os alunos ouvem atentos a leitura e logo se identificam, pois está relacionada a algo que eles conhecem muito bem,

o Arroio Espinho (que cruza pelo bairro), o paredão da antiga pedreira (adjacente ao arroio), a “Vó Preta” (trilha junto ao arroio) denominada assim pelos próprios alunos e antigos moradores, por conta do imaginário social relacionado à história de uma antiga moradora daquele local, cujos conhecimentos se referem ao uso de chás e ervas para fins diversos.

Assim que a leitura é concluída, alguns alunos não esperam pelos questionamentos pensados pela professora, logo expõem suas ideias relacionando ao espaço de vivência deles, fazem referência a algo comum a outros espaços, mas pouco sabem sobre o restante da cidade onde moram, mesmo que circulem eventualmente por ela. Após, com os questionamentos, aqueles que ainda não haviam se manifestado, confirmam as palavras dos primeiros. O desafio agora é observar o trajeto percorrido diariamente casa-escola e escola-casa e fazer suas anotações em atividade extraclasse.

Na aula seguinte, poucos alunos fizeram a observação e anotaram em seus cadernos, porém falam sobre o trajeto mas sem tantos detalhes, os que fizeram a atividade relatam como foi esse trajeto e o que anotaram sobre a paisagem, nota-se que foi uma observação mais atenta aos detalhes e eles próprios deram conta de que passam pelas mesmas ruas e pessoas e dificilmente percebem a beleza do canto dos pássaros, a casa do João-de-barro⁴, a casa que está sendo construída, destruída ou reformada, o lixo pelas ruas, a falta de passeio público adequado, a iluminação pública, o movimento dos carros e das pessoas, enfim, os elementos que compõem a paisagem.

É importante ressaltar que a cidade apresenta diferentes características e movimentos ao longo do dia, em diferentes horários, dias e semanas do ano e são provocados a pensar sobre essas questões.

Para ilustrar as ideias iniciais sobre a cidade e o bairro, a utilização de imagens históricas pode ser um recurso interessante para que os alunos compreendam a formação socioespacial, relacionando as diferentes escalas e contextos.

A partir das colocações dos alunos, estes são provocados a pensar sobre as mudanças na paisagem, como elas ocorrem e vem ocorrendo ao longo do tempo, o que mudou em uma semana. Então, é feita a projeção de imagens da cidade e do bairro em diferentes épocas, antigas e atuais, inicialmente

⁴ João-de-barro é uma ave comum cuja habilidade observa a direção do vento e a chuva para construir sua habitação.



para que se observem as diferenças e semelhanças existentes de cada momento histórico, depois, procurando apresentar identificando a quais locais da cidade se referem para verificar se os alunos conhecem. As imagens do bairro são as que mais chamam a atenção dos alunos pois estes se identificam com os locais que aparecem, percebem as mudanças, eles próprios sem a intervenção da professora. A exemplo, temos duas imagens da vista do cruzamento da Rua do Comércio com a Rua Universino Damaceno, sentido Leste-Oeste nos anos de 2013 (Figura 1) e 2019 (Figura 2). Nestas imagens pode-se explorar questões diversas, desde o que está visível nas imagens até o que os alunos sabem sobre o local e seu entorno.



Figura 1. Vista do cruzamento entre Rua do Comércio e Universino Damaceno (sentido Leste-Oeste), ano 2013.



Figura 2. Vista do cruzamento entre as Ruas do Comércio e Universino Damaceno (sentido Leste-Oeste), ano 2019.

As imagens acima apresentam a vista do espaço que comporta o Posto de Saúde, Ginásio/Sede e praça do bairro, situados à Rua 14 de Julho, sentido Sul-Norte, a Figura 3, no ano de 2013 e a Figura 4, no ano de 2019. Nestas imagens pode-se visualizar a mudança ocorrida na estrutura ampliada do prédio, o uso do espaço físico e, da mesma forma que nas imagens anteriores, explorar o que os alunos sabem a respeito deste local e se estes espaços são utilizados por eles, de que forma, com que frequência, o que eles têm a dizer sobre o serviço de saúde do bairro e da cidade.



Figura 3. Vista do espaço físico externo do Posto de Saúde e Ginásio do Bairro Pindorama (sentido Sul-Norte), ano 2013.



Figura 4. Vista do espaço físico externo do Posto de Saúde e Ginásio do Bairro Pindorama (sentido Sul-Norte), ano 2019.

Na sequência, realiza-se um momento para sistematização por meio da roda de conversa, proporciona espaço para a expressão oral dos alunos, momento em que é possível



analisar e avaliar as elaborações feitas e as relações estabelecidas pelos alunos, resgatando a literatura e as discussões anteriores, as observações do trajeto casa-escola/casa-escola, as entrevistas e as fotografias da cidade e do bairro, o que eles sabem e pesquisaram por meio das entrevistas com pessoas sobre as mudanças em anos e décadas, atividade esta que mais uma vez não teve a participação de todos. A maioria dos alunos estabelece relações sobre a história da formação socioespacial do Município, mas sempre se reportam ao bairro, que é o seu cotidiano, seu espaço de vivência, com o qual possuem maior vínculo e identidade. As histórias contadas são sempre a partir da rua onde residem, com os seus vizinhos mais próximos, nesse reduto que é da família e dos amigos com quem convivem.

Para dar continuidade, apresentar para os alunos a ideia de que o trabalho de campo não é apenas um passeio, mas que é um passeio para observar, lançar sobre o bairro um olhar espacial, analisar suas características e sua estrutura. Os alunos são preparados para o trabalho de campo, que para alguns se caracteriza como um passeio qualquer para olhar e andar pelo bairro, para sair da sala de aula por um tempo. É então explicado o objetivo da atividade para que os alunos se sintam comprometidos e que é uma atividade diferente sim de sala de aula, mas que o trabalho de campo tem um objetivo de ser realizado, que é possibilitar o olhar crítico sobre o espaço geográfico, compreender as mudanças sobre a paisagem, é olhar e enxergar o que foi discutido em aula até o momento. O roteiro é pré-definido pela professora, porém os alunos sugerem lugares a serem visitados, são lugares que costumam frequentar, portanto conhecem muito bem, sendo este o seu território, demonstram se sentirem importantes, pertencentes a estes espaços. A seguir o exemplo do roteiro elaborado de forma simples e sem rigor, a partir de uma imagem do Google Maps⁵, contendo a localização da escola, o limite do bairro, os pontos de parada para observações. É uma organização que pode ser alterada até mesmo durante a realização do trabalho de campo, incluindo outros momentos de observação.

Bairro Pindorama, Ijuí/RS



Figura 5. Limites do bairro Pindorama, Ijuí/RS.

O trabalho de campo é realizado com paradas de observação em pontos estratégicos como: posto de saúde/ginásio e praça do bairro; Rua do comércio; Rua 14 de julho; Trilha “Vó Preta” /Arroio Espinho; Complexo do Parque da Pedreira; entre outras pontos em se percebeu algum elemento que pudesse interessar ou que os alunos tivessem alguma história para contar (e são muitas). Durante o trajeto e as paradas, procura-se chamar a atenção para elementos que constituem a paisagem como infraestrutura e equipamentos urbanos, atividades econômicas e onde se situam, movimentação de veículos e pessoas, a circulação do transporte coletivo, usos dos espaços públicos, diferenças e semelhanças entre os pontos de observação, bem como a visível disparidade social.

Alguns alunos gostam de ir na frente do grupo, demonstrando que conhecem muito bem o lugar onde vivem, outros andam mais próximos da professora, aguardando as orientações e explicações. A cada parada é preciso reunir o grupo, os alunos têm poucas perguntas, mas muito a dizer, então as perguntas são feitas pela professora para instigá-los a refletir sobre questões que envolvem o bairro, a cidade, o mundo.

A exemplo, temos a seguir duas imagens (Figuras 6 e 7) que retratam a mesma rua, a Rua 14 de Julho, que é uma área de ocupação irregular e com infraestrutura precária. Na Figura 6, em sentido Leste-Oeste, observa-se a presença de iluminação pública, a rua de terra (estrada de chão), de lixo depositado de modo inapropriado, mas também material reciclável que é fonte de trabalho e renda de muitas das famílias, e, na Figura 7, em sentido Sudeste-Noroeste, a área de preservação com nascentes e banhado em primeiro e segundo

⁵ Recurso de pesquisa e informações geográficas e imagens de satélite, fornecido pela empresa Google, com acesso gratuito.



plano e, em terceiro plano o contraste de melhor infraestrutura e estrutura de moradias, a verticalização que demonstra visivelmente a desigualdade social, a menos de 100 metros de distância.



Figura 6. Rua 14 de Julho, porção Oeste da cidade de Ijuí/RS, Sentido Leste-Oeste.



Figura 7. Rua 14 de Julho, porção Oeste da cidade de Ijuí/RS, Sentido Sudeste-Noroeste.

Para além do que é possível visualizar ao realizar o trabalho de campo, é importante considerar a formação sócioespacial do local e neste momento os alunos contam sobre suas histórias e sobre as histórias que ouviram, o professor precisa também ter conhecimento sobre a formação sócioespacial para compreender e contextualizar o sítio e a situação.

Na sequência das atividades desenvolvidas, após o trabalho de campo, apresenta-se a observação do espaço percorrido no trabalho de campo, a partir da planta urbana da cidade para que os alunos se situem no espaço e identifiquem as ruas durante o trajeto do trabalho de campo, o que desperta muita curiosidade. Além disso, são chamados atenção para a noção de espaço e das distâncias a partir da escala do mapa,

os locais visitados, os bairros adjacentes, o centro da cidade e outros. A seguir, a Figura 8, que demonstra a curiosidade e o interesse dos alunos sobre o mapa – Planta Urbana da Cidade de Ijuí/RS.

Inicialmente, os alunos procuram identificar pontos de referência como a escola, comércio, ruas mais conhecidas, procuram localizar suas residências e as dos colegas e, depois passam a se interessar pelos elementos do mapa como pontos de orientação, cores e símbolos da legenda, escala, enfim. Neste caso, a imagem está posta na parede da sala, depois desse primeiro olhar, o mapa é colocado sobre as mesas para que se posicione de modo georreferenciado, a fim de que os alunos se situem no espaço.



Figura 8. Observação da planta urbana da cidade de Ijuí/RS. Outro recurso a ser utilizado é o Google Maps.

O uso dos computadores sempre cria uma expectativa de algo que possa ser divertido para os alunos, pois a maioria deles não tem esse recurso em casa. A ferramenta do Google Maps é muito interessante para os alunos e possibilita trabalhar diversos conceitos, nesta aula a ideia é a de que explorem esse recurso e consigam se situar no espaço, identificar o trajeto percorrido durante o trabalho de campo, identificar os elementos presentes na paisagem. O que mais chama a



atenção dos alunos nessa atividade é a curiosidade de poder “passear” pelas ruas, encontrar a sua residência e as dos colegas, localizar lugares que costumam frequentar no seu cotidiano e outros mais que gostariam de saber como são.

Nesse momento provoca-se que os alunos percebam que o bairro se localiza em uma cidade que faz parte do Município de Ijuí, na região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, que fica no Sul do Brasil e que este país faz parte de um Continente que faz parte do mundo, mas que todos estes mesmo que estejam separados politicamente, se inter-relacionam de diversas formas, numa perspectiva de superação dessa visão dos círculos concêntricos. A ferramenta aliada às vivências anteriores possibilita estabelecer relações e compreender a diferença de escalas, portanto explorar ambos os recursos é muito importante para a aprendizagem dos alunos.

A sistematização constitui outro momento para avaliação das aprendizagens a partir da sequência didática. Por meio do texto os alunos expressam as emoções, as percepções e os conceitos elaborados. O texto em si é de difícil construção para os alunos de sexto ano, então, as questões são importantes para orientar a escrita por meio da reflexão, caso contrário não passaria de mera descrição do trajeto. Inicialmente, são apresentadas e dialogadas no grupo e após, o trabalho é feito individualmente.

Por fim, a atividade de socialização constitui um espaço de diálogo, de troca de ideias, de apresentação das elaborações conceituais, entre os alunos e entre estes e a professora. É um momento que possibilita a observação e a escuta sensível, por parte da professora, de modo que esta possa verificar e analisar as aprendizagens resultantes da sequência didática desenvolvida durante essas semanas.

A maioria dos alunos faz comparações entre as modificações das paisagens nos espaços de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos, elabora e compreende os conceitos geográficos de lugar, espaço geográfico, paisagem, identificando, bem como situando-se nesses diferentes espaços: cidades, estado, país, continente e planeta. Estas são habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos, que a partir das vivências das atividades planejadas e realizadas, das sistematizações e avaliações.

Os alunos que residem a mais tempo, revelam em suas falas que aquele espaço constitui-se de valor afetivo, mesmo com todos os problemas socioambientais existentes, pois têm

uma história de vida ali, mesmo que curta em termos de tempo. É onde nasceram, cresceram e possuem laços familiares e de amizade. Conforme Tuan (2013), a criança vai ampliando seu horizonte geográfico à medida que cresce, mas não necessariamente de uma escala local para uma escala global. “Seu interesse e conhecimento se fixam primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade, saltando o bairro; e da cidade seu interesse pode pular para a nação e para lugares estrangeiros, saltando a região (Tuan, 2013)”.

Nesse momento, a professora precisa fazer inferências de modo que os alunos reconheçam as inter-relações deste lugar (que é o bairro) com os demais níveis escalares, estabelecendo conexões do bairro com o restante da cidade, desta com as demais cidades, e assim por diante, não necessariamente nesta ordem. Utilizando-se de exemplos cotidianos como: de onde vem a roupa que usamos? Onde compramos? Como é produzida? E o alimento, onde adquirimos? Como e onde é produzido? Como chega até o mercado? São exemplos de perguntas que fomentam a reflexão e o raciocínio geográfico.

As dificuldades de elaboração de alguns alunos podem e devem ser trabalhadas em outras atividades pois é importante que o conhecimento não se apresente de modo fragmentado aos alunos, nem entre as diferentes áreas e muito menos dentro da área da Geografia. É fundamental que os alunos consigam relacionar o que está sendo estudado na disciplina de Geografia com as outras disciplinas, bem como o que já foi estudado e ainda será, posteriormente.

É possível verificar que a maioria consegue desenvolver mesmo que em parte e de modo geral. Ainda, faz-se necessário ressaltar que o trabalho em sala de aula funciona como uma “costura” que complementa o que já foi abordado e introduz novos conteúdos, aprofundando e reelaborando, e assim é sucessivamente pois os objetos de conhecimento, ou conteúdos, não podem ser fragmentados, é preciso que o professor organize seu trabalho de modo a interligar os saberes.

Os quadros a seguir, sistematizam o trabalho desenvolvido com os alunos, situando o planejamento das atividades, bem como os objetivos que se pretendia alcançar com as mesmas, distribuídos conforme a carga horária estabelecida e pensando no tempo necessário para sua realização.



Quadro 1. Geografia por meio da literatura.

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
1 e 2	<p>1º momento) A obra de Júlio Emílio Braz e Salmo Dansa, intitulada “O Riacho”, é uma literatura infanto-juvenil, curta e instigadora dos temas a serem abordados.</p> <p>2º momento) Diálogo a partir de alguns questionamentos como: qual a temática do livro? O que acontece no enredo? Os alunos conhecem algum lugar que tenha acontecido algo parecido? Como é a nossa cidade, bairro? Como a paisagem da nossa cidade/bairro se transformou ao longo do tempo?</p> <p>3º momento) Atividade, extraclasse e propõe a observação do trajeto escola-casa e casa-escola, anotar no caderno para ser socializado na aula seguinte. Para identificar elementos que possam enriquecer as discussões em sala de aula. O trajeto percorrido cotidianamente pode não ser observado com atenção devido a pressa, desatenção ou mesmo desinteresse. O olhar atento sobre a paisagem que se apresenta, as características de infraestrutura e equipamentos que a compõem, é uma observação feita durante a semana quando os alunos percorrem o trajeto de ida e volta da escola.</p>	<p>Provocar os alunos a pensar sobre a urbanização, as questões ambientais que envolvem esse processo e relacionar a situação apresentada no livro ao seu cotidiano, identificando semelhanças ou não com seu espaço de vivência.</p> <p>O diálogo proposto tem por objetivo uma exposição de ideias e de trocas de informações e conhecimento para que os alunos pensem sobre a cidade e o bairro, sobre a dinâmica deste espaço geográfico, as mudanças na paisagem, as relações estabelecidas com o seu espaço de vivência, com o lugar.</p> <p>A atividade extraclasse tem por objetivo promover a observação atenta ao trajeto percorrido cotidianamente, bem como aos elementos que compõem a paisagem.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2. Relato sobre a observação do trajeto cotidiano e uso de fotografias.

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
3	<p>1º momento) Exposição das percepções dos alunos sobre o trajeto casa-escola, escola-casa.</p> <p>2º momento) Após, projeção de imagens históricas do bairro e de outros pontos da cidade.</p> <p>3º momento) Atividade extraclasse: Conversa informal com uma pessoa da família ou vizinha que reside a mais tempo no</p>	<p>Socializar as observações feitas.</p> <p>A projeção de imagens históricas, de arquivo pessoal da professora, da escola e do Museu Antropológico Diretor Pestana – MADP, tem por objetivo proporcionar aos alunos a oportunidade de</p>

	bairro sobre as mudanças ocorridas na paisagem do bairro ao longo do tempo.	percepção sobre as mudanças na paisagem ao longo do tempo.
--	---	--

Fonte: Elaboração própria.

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
4 e 5	<p>1º momento) Roda de conversa no espaço externo da escola para sistematização oral.</p> <p>2º momento) Sugestões dos alunos sobre roteiro para conhecer o bairro.</p>	<p>Sistematizar a partir do diálogo e da escuta, as percepções dos alunos e a inter-relação das atividades até o momento desenvolvidas.</p> <p>As sugestões têm por objetivo a elaboração coletiva de um roteiro para atividade de trabalho de campo posterior, as quais são registradas pela professora para organização do roteiro posteriormente.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3. Roda de conversa.

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
6	Apresentação de um roteiro pré-definido com trajeto a ser percorrido, elaborado a partir de imagem do Google Maps, compreendendo também sugestões dos alunos e orientação sobre material necessário como água, roupa e calçado adequado. Neste momento, ressalta-se sobre o que será observado, no tocante a aspectos de infraestrutura e equipamentos urbanos presentes no bairro, tipo e características das residências, presença ou não de arborização, movimentação de pessoas ou veículos.	Proporcionar o primeiro contato com o mapa e preparar os alunos para o trabalho de campo.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4. Organização do trabalho de campo

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
6	Apresentação de um roteiro pré-definido com trajeto a ser percorrido, elaborado a partir de imagem do Google Maps, compreendendo também sugestões dos alunos e orientação sobre material necessário como água, roupa	Proporcionar o primeiro contato com o mapa e preparar os alunos para o trabalho de campo.



e calçado adequado. Neste momento, ressalta-se sobre o que será observado, no tocante a aspectos de infraestrutura e equipamentos urbanos presentes no bairro, tipo e características das residências, presença ou não de arborização, movimentação de pessoas ou veículos.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5. Trabalho de campo – Bairro Pindorama.

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
7 e 8	Georreferenciar o mapa para identificar os pontos de orientação e verificar a direção a ser seguida no trajeto pré-definido, observação do trajeto orientada e relembrar os aspectos a serem observados. De posse do caderno, os alunos fazem suas anotações em cada momento de parada para observação. Estas paradas têm o objetivo de chamar atenção dos alunos para as características de cada recorte espacial que contempla os elementos citados acima. Durante o trajeto serão feitos registros fotográficos para trabalho posterior em aula.	Observar <i>in loco</i> e perceber o espaço vivido a fim de instigar o olhar espacial sensível sobre a paisagem, a identificação de elementos que compõe a sua historicidade, como: atividades econômicas, infraestrutura, equipamentos, espaços coletivos, arquitetura, vegetação, movimento, pessoas, nomes de ruas.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6. Uso de mapas físicos e do Google Maps

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
9	Exploração do roteiro e pontos de referência em diferentes representações como a planta urbana, mapa do município, Google Maps. Os alunos terão um tempo livre para explorar a ferramenta e após, serão desafiados a identificar o trajeto percorrido no trabalho de campo, localizar sua residência e outros pontos de referência	Possibilitar aos alunos que se situem no espaço, localizando o bairro e identificando as ruas percorridas e outros pontos de referência durante o trajeto do trabalho de campo. Explorar os mapas, a ferramenta Google Maps e as possibilidades para compreender as diferentes escalas de análise, estabelecendo relações.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 7. Sistematização do trabalho de campo e da sequência didática

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
10 e 11	Sistematização das atividades desenvolvidas, em um texto, a partir de algumas questões propostas: <ul style="list-style-type: none"> Qual ou quais das atividades que realizamos lhe chamou mais a atenção? A que mais gostou, a que menos gostou ou a que não gostou, explique por quê. (elencar e relembrar todas as atividades) Você percebeu que a paisagem do bairro mudou ao longo dos anos? Cite algumas dessas mudanças. Qual a sua relação com o bairro Pindorama? Você gosta de morar nesse bairro? O que poderia ser melhorado nele? Você conhece outros bairros da cidade? Quais? O que os diferencia ou se assemelha ao bairro Pindorama? E do Centro da cidade? Poderíamos caracterizar o bairro Pindorama como um bairro residencial? Existem atividades econômicas? Quais? Onde se concentram? O que é uma paisagem? Nas observações feitas, você percebeu a presença de elementos naturais e culturais na paisagem? Cite ao menos três de cada. A paisagem observada é uma paisagem natural ou cultural/humanizada? O que é para você um lugar? 	Avaliar a aprendizagem dos alunos, sistematizando o conhecimento por meio da escrita.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 8. Socialização

Aula	Planejamento das atividades	Objetivos
12	Projeção de algumas imagens do trabalho de campo e socialização	Dialogar com os alunos sobre as habilidades desenvolvidas e propostas



das sistematizações escritas pelos alunos.

neste planejamento, a partir das Unidades temáticas e dos Objetos de conhecimento que estão propostos no referencial curricular.

Fonte: Elaboração própria.

Considerações sobre a sequência didática

Quando se parte do que envolve diretamente a vida dos alunos, os estimula a participar e se interessar. Quando estes alunos percebem que o que parece não interferir na sua vida de alguma forma ou de outra direta ou indiretamente está relacionado ao seu cotidiano, isso lhe desperta interesse, curiosidade. Muitas vezes é difícil fazer essa conexão, esse percurso de raciocínio geográfico, mas a aprendizagem é como um tecido que se vai costurando e unindo partes para se compreender o todo, sempre retomando o que já foi trabalhado e abrindo caminhos para outros saberes.

Praticamente todas as atividades propostas, no seu início, há uma resistência por parte dos alunos, pela dificuldade em compreender sua importância, porém, os exemplos da vida cotidiana aproxima e torna interessante para eles, pois cada um tem uma história para narrar e é também a partir destas histórias que podemos fazer as interconexões. Percebe-se aí a importância de o ponto de partida dos estudos ser a realidade do aluno, aquilo que ele vivência, trazer o cotidiano para a sala de aula como possibilidade de um pensar sobre este para ampliar seus conhecimentos, promover uma reflexão e assim, levar a sala de aula para o cotidiano, num movimento de aprimoramento das capacidades de exercício de cidadania. É o que afirma Callai (2005), quando se refere a uma consciência espacial, pois o conteúdo da Geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da Geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo.

Ao propor a sistematização a partir de um roteiro de questões, os alunos são provocados a pensar e refletir sobre o que foi desenvolvido. Este roteiro possibilita que aluno/a e

professor/a, unindo ao que já foi observado, perceba quais as relações estabelecidas com o seu espaço de vivência e quais os laços e vínculos de identidade e pertencimento estes têm construído, enfim, é possível perceber como o aluno se relaciona com este espaço de vivência, como ele percebe e se percebe neste espaço. Ainda, qual a compreensão de que este espaço de vivência, no caso o bairro Pindorama, se inter-relaciona com outros espaços, numa dinâmica que é local ao mesmo tempo global.

Provocar os alunos ao desenvolvimento de um raciocínio geográfico é fundamental para que eles desenvolvam as habilidades necessárias e estabelecidas para o ano/série em que estão. Sabendo-se que o ser humano se utiliza de diferentes sentidos para aprender, disponibilizar diferentes recursos para estimulá-lo é uma premissa, portanto, nessa sequência didática apresentada, temos imagens, trabalho de campo, leitura, sistematização ilustrada e escrita, estímulo ao protagonismo e, diálogo, muito diálogo.

As unidades temáticas, as habilidades e os objetos de conhecimento elencados para esta sequência didática foram desenvolvidas com maior ênfase na unidade temática “O sujeito e seu lugar no mundo”, porém, salientamos que as demais foram destacadas no sentido de que alguns objetos de conhecimento foram mais aprofundados, porém, todos os apresentados nesta sequência de alguma forma estão contemplados, ou porque por já foram trabalhados em algum momento e que nessa sequência estão sendo revistos ou ainda, porque se interligam com outros conhecimentos que ainda serão desenvolvidos ao longo do ano letivo ou da etapa à qual se encontram.

Considerações finais

Para Santos (1988), o geógrafo torna-se um empirista, e está condenado a errar em suas análises se não apreender objetos e relações como um todo e por mais que as relações sociais pareçam pequenas, elas “contém parte das relações que são globais (Santos, 1988)”. Pensar as questões do lugar e do cotidiano dos alunos exige, nesse sentido, ter em mente a dimensão teórica que orienta a reflexão acerca dos problemas da vida comum. Portanto, para elaborar uma reflexão segura acerca do lugar em que vivemos, e onde vivem nossos alunos, exige-se considerar a singularidade dos fenômenos tendo em vista as questões universais.



Para Santos (1988), as mudanças nas relações são chamadas de renovação, tornando-se necessário que as disciplinas que as estudam se renovem também, até mesmo a Geografia. Portanto, o professor de Geografia na Educação Básica precisa ter esse olhar, da totalidade, e o trabalho desenvolvido na escola precisa estar voltado para esse contexto. Para compreender o tempo e o espaço vivido atualmente, é necessário saber que este é constituído de uma historicidade, daí a importância do planejamento das atividades contemplar a formação socioespacial, para que se possa estabelecer as relações tempo-espaço.

O planejamento do professor precisa considerar o referencial que é elaborado a partir da Base Nacional Comum Curricular e que nele constam habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos em determinado ano da etapa escolar. Desta forma, a sequência didática realizada com a turma de sexto ano da Escola Municipal Fundamental de Ijuí RS levou em conta as habilidades a serem desenvolvidas e os objetos de conhecimento pertencentes às unidades temáticas. A Geografia escolar na sua interdisciplinaridade e na sua amplitude permite que quaisquer objetos de conhecimento a serem trabalhados em quaisquer turmas possam emergir do cotidiano do aluno. A compreensão da sua realidade e, principalmente, das relações estabelecidas nas diferentes escalas e como estas interferem na escala local, possibilita ao aluno entender a complexidade do mundo da vida e elaborar conceitos com base nessas referências.

Considerar a realidade do aluno e seu espaço de vivência para ensinar Geografia, é fundamental para a elaboração de conceitos geográficos e para a compreensão acerca do espaço geográfico, sua organização e dinamicidade, enfim, uma aprendizagem significativa para a vida do aluno, para sua constituição como sujeito e cidadão do mundo. Estudar o lugar exige pensar o singular e o universal, o que a geografia tem considerado fundamental para fazer a análise geográfica. Quer dizer olhar, pensar e compreender o mundo a partir da análise do espaço, com o olhar espacial, com o método geográfico que Santos nos deixa como herança.

Referências

- BNCC (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf
- Callai, H.C. (2005, mai/ago). Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cad. Cedes*, 25 (66), 227-247. DOI: 10.1590/S0101-32622005000200006
- Callai, H.C. (2011) A geografia escolar e os conteúdos da geografia. *Revista Aneku mene*. (1), 128-139. file:///D:/Usuario/Downloads/7097-Texto%20del%20art%C3%ADculo-17664-1-10-20171208.pdf
- Freire, P. (2014). *Educação com prática da liberdade*. (38ª ed.). Paz e Terra.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed.). Atlas.
- IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2012). *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. (3ª ed.). Brasília, DF: Iphan. http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasaber-mais_web.pdf
- Santos, M. (1988). *Metamorfoses do espaço habitado*. Hucitec.
- Santos, M. (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. (2ª ed.). Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2013). *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. (5ª ed.). Hucitec.
- Tuan, Y. (2013). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Edel.